

Memória colectiva e identidade nacional: jovens angolanos face à História de Angola

Júlio Mendes*

Eugénio Silva**

Rosa Cabecinhas***

Resumo

Neste artigo examinamos os resultados preliminares de um estudo empírico realizado em Luanda, tendo como objectivo principal estudar as representações dos jovens angolanos sobre a história de Angola. Este estudo foi realizado no âmbito de um projecto de investigação mais amplo que visa analisar as narrativas identitárias e as memórias colectivas nos países de língua oficial portuguesa. Neste trabalho serão discutidas as representações de uma amostra de jovens angolanos sobre os acontecimentos e as personalidades que consideram mais importantes na história angolana. Discutiremos ainda as principais fontes de informação mencionadas pelos jovens.

Palavras-chave: Representações sociais, identidades sociais, história, jovens, educação, media, Angola

Abstract

This paper examines preliminary results of an empirical study conducted in Luanda, whose principal aim was to study the representations of Angolan youth about the history of Angola. This study was conducted as part of a broader research project, which aims to analyze the narratives of identity and collective memories in the Portuguese-speaking countries. In this paper we discuss the representations of a sample of Angolan students about the events and personalities that were considered as the most important in the history of Angola. Furthermore, we discuss the main sources of information about national history.

Keywords: History, social representations, social identity, youths, education, media, Angola

* Instituto Superior de Ciências de Educação, Universidade Agostinho Neto, Angola juliolo2002@yahoo.com.br

** Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho esilva@ie.uminho.pt

*** Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho cabecinhas@ics.uminho.pt

1. Introdução

Neste artigo examinamos os resultados preliminares de um estudo empírico realizado em Luanda, tendo como objectivo principal estudar as representações dos jovens angolanos sobre a história de Angola. Este estudo foi realizado no âmbito de um projecto de investigação mais amplo que visa analisar as narrativas identitárias e as memórias colectivas nos países de língua oficial portuguesa¹. Neste trabalho serão discutidas as representações dos jovens sobre os acontecimentos e personalidades que consideraram mais importantes na história nacional angolana e as principais fontes de informação histórica mencionadas pelos jovens.

As narrativas sobre o passado desempenham um papel fundamental na definição das identidades nacionais e na forma como cada nação perspectiva o seu futuro (Liu e Hilton, 2005). Na opinião de Licata, Klein e Gély (2007), a memória colectiva desempenha importantes funções identitárias, contribuindo para: a definição da identidade do grupo de pertença; a construção de uma distintividade positiva através de comparações favoráveis entre o grupo de pertença e o grupo dos outros em dimensões consideradas relevantes; a justificação e legitimação de comportamentos do grupo de pertença; e a mobilização para a acção colectiva.

Estudar as narrativas identitárias exige um esforço de articulação entre diferentes áreas disciplinares (e.g., Laszlo, 2003; Sobral, 2006), abordagens metodológicas e níveis de análise (e.g., Doise, 1992; Baptista, 2009). A identidade social de uma pessoa resulta do reconhecimento da sua pertença a certos grupos sociais e do significado emocional atribuído a essas pertenças (Tajfel, 1981/1983). Na compreensão das dinâmicas identitárias é necessário ter em conta que cada indivíduo pertence simultaneamente a vários grupos sociais, sendo que a saliência das diversas pertenças grupais depende do contexto e do estatuto relativo dos grupos numa dada estrutura social e num dado momento histórico (e.g., Lorenzi-Cioldi, 2002).

Na nossa perspectiva, a memória social corresponde a um conjunto de representações sociais sobre o passado, que são construídas e partilhadas no seio de um determinado grupo social. As representações sociais são construídas através dos processos de comunicação quotidiana, contribuindo para a percepção de uma realidade comum a um determinado grupo e servindo como guia da acção desse grupo (Moscovici, 1998).

Nesse sentido, a memória social está permanentemente em processo de (re)construção. Esse processo é selectivo e parcial, dependendo das pertenças e redes sociais dos indivíduos (Cabecinhas, Lima e Chaves, 2006). Reconhecer o carácter social da memória (Halbwachs, 1950/1997) não implica pressupor que as memórias sejam uniformes dentro de determinado grupo (nacional, étnico, etc.), uma vez que cada indivíduo recorda factos diferentes em função das suas trajetórias e vivências pessoais.

¹ *Narrativas identitárias e memória social: a (re)construção da lusofonia em contextos interculturais*, financiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia (PTDC/CCI-COM/105100/2008). Agradecemos ao Dr. Tuca Manuel pela colaboração prestada na recolha de informação relativa à inclusão de alguns dos acontecimentos nos planos curriculares do ensino primário e secundário em Angola. Agradecemos igualmente a todos os estudantes que participaram voluntariamente neste estudo.

Outro aspecto importante a salientar é que a memória social não é um terreno neutro. As imagens do passado podem servir tanto para legitimar uma dada ordem social como para contestar activamente essa ordem. Assim, a memória social pode ser entendida como um “campo de disputa” entre grupos (Cunha, 2006). Esta dimensão é particularmente visível quando nos debruçamos sobre as representações da história de cada nação.

A importância da dimensão narrativa na construção da memória social foi salientada por diversos autores. Por exemplo, Paul Connerton (1989/1993) destaca o papel das práticas que representam e projectam a identidade social do grupo, através das quais as histórias circulam e são partilhadas — a *comemoração*, o *ritual* e a *tradição*. Por exemplo, as comemorações e os rituais garantem que um dado acontecimento não vai ser esquecido pelas gerações futuras.

Neste trabalho discutimos brevemente alguns dos resultados de um inquérito realizado junto de jovens angolanos. Os dados que iremos apresentar foram recolhidos em Luanda durante o mês de Maio de 2008. Quando nos debruçamos sobre os grupos nacionais, é necessário ter em conta que cada nação é um grupo heterogéneo, constituído por uma grande diversidade de indivíduos, com diferentes percursos e experiências de vida e pertencendo a grupos com diferentes posicionamentos na estrutura social. Neste sentido, alertamos que não pretendemos generalizar os resultados aos jovens angolanos em geral, mas apenas abordar de forma exploratória as representações da história de Angola e as emoções associadas a essas representações.

É interessante analisar a natureza dos processos identitários em África na medida em que estes têm implicações na formação dos jovens, já que o conhecimento dos acontecimentos e figuras que marcaram a memória colectiva dos povos se apresenta como elemento de relevância que influencia a construção identitária dos povos e mormente dos jovens.

Quando a investigação histórica apresenta um nível muito incipiente e o conhecimento que daí resulta é insuficiente ou não divulgado, os cidadãos em geral e os jovens em particular, confrontados com os factos ou as figuras da história que eles desconhecem, apropriam-se e reproduzem as informações do senso comum, daqui resultando a construção de mitos com muita rapidez. Uma investigação histórica incipiente não gera suficiente produção de conhecimento para alimentar os conteúdos dos programas curriculares e manuais, o que impede um tratamento eficaz dos factos históricos no processo de ensino-aprendizagem.

No caso de Angola, este problema coloca-se com uma certa agudeza porque os programas de história e os respectivos conteúdos programáticos para os subsistemas do ensino primário e secundário nem sempre se apoiam em trabalhos de investigação sérios sobre a história do país (Cf. Mendes, 2008). Os professores de história aplicam os programas recorrendo aos seus próprios meios e, às vezes, encontram dificuldades em responder a algumas questões colocadas pelos alunos mais curiosos sobre alguns acontecimentos e figuras da história de Angola.

2. Metodologia

A pesquisa que esteve na base deste trabalho baseou-se na recolha de representações dos jovens angolanos acerca da história de Angola mediante a aplicação de um questionário em que se solicitava a esses jovens que indicassem os acontecimentos e personalidades a que atribuíam maior importância. A compreensão das respostas partiu da consideração do contexto sociocultural em que se vem operado a socialização e a instrução destes jovens, por um lado, e dos significados que eles atribuíram aos eventos e personalidades que referiram, por outro. Assim, a interpretação dos dados foi um processo que tentou considerar os significados que justificaram as suas escolhas. São esses significados culturalmente contextualizados que permitem atribuir sentido aos eventos e interpretar os comportamentos (e.g. Léssard-Hébert, Goyete e Boutin, 1994: 60; Bodgan e Biklen, 1994: 55), neste caso, referentes ao desenvolvimento do sentimento patriótico ou à construção do sentido identitário dos jovens.

As questões que orientaram esta pesquisa foram as seguintes: que imagens têm os jovens de hoje sobre a história de Angola? Quais os significados e as emoções associados aos principais acontecimentos e personalidades históricas? Quais as principais fontes de informação sobre a história do país? Assim, o objectivo do estudo que aqui apresentamos é analisar as representações sociais da história construídas pelos jovens angolanos e as emoções associadas a essas representações.

Neste trabalho discutimos brevemente alguns dos resultados de inquéritos realizados junto de jovens em estabelecimentos de ensino em Luanda durante o mês de Maio de 2008. Participaram neste estudo 184 estudantes, sendo 81 do sexo feminino e 103 do sexo masculino (idade média 21 anos). Verificou-se uma grande heterogeneidade de línguas maternas declaradas pelos inquiridos: *kimbundu* (58,2%), *umbundu* (15,8%), *kikongo* (13,6%), *cockwé* (4,9%), português (4,9%), crioulo (0,5%), *oxikwanhama* (0,5%) e 7% dos inquiridos não responderam a esta questão. Na sua maioria, os jovens referiram falar duas ou três destas línguas. O português foi mencionado como segunda língua pela maior parte dos inquiridos. A grande diversidade de línguas faladas pelos inquiridos é um espelho da situação linguística em Angola: país com uma língua oficial — o português — e várias nacionais como *kikongo*, *kimbundu*, *cockwé*, *umbundu*, *nganguela*, *oxikwanhama*, *nhaneka-humbi* (sobre a diversidade linguística em Angola, ver Ntongo e Fernandes, 2004).

À semelhança do que fizemos em trabalhos anteriores, convém alertar o leitor para o facto de a amostra não ser representativa, uma vez que se trata apenas de analisar as percepções de jovens estudantes em Luanda e não dos jovens em geral. Salientamos ainda que os resultados são situados no tempo, sendo extremamente dependentes da agenda política e mediática no momento de recolha de dados.

A aplicação do questionário foi efectuada em sala de aula, a grupos de alunos. Os estudantes foram convidados a participar num estudo internacional sobre a história, sendo-lhes explicado que, neste estudo, o que interessava era a sua opinião pessoal sobre a história e não o seu nível de conhecimentos.

No que respeita às questões sobre a história nacional, pedia-se aos participantes para listarem os cinco acontecimentos que consideravam mais relevantes na história de Angola. Uma vez efectuada a listagem, os participantes deveriam avaliar o impacto (positivo ou negativo) de cada um desses acontecimentos e indicar as emoções que associavam a cada acontecimento. Em seguida, solicitava-se aos participantes para listarem as cinco personalidades que consideravam terem sido mais relevantes na história de Angola. Uma vez efectuada a listagem, os participantes deveriam indicar as emoções que se associavam a cada personalidade.

De salientar que a evocação de acontecimentos e de personalidades foi efectuada de forma completamente livre, já que não era fornecida qualquer listagem prévia. As emoções relativas aos acontecimentos e personalidades foram também recolhidas de forma aberta, isto é, os jovens indicaram livremente uma ou mais emoções e poderiam justificar as suas respostas. Já os níveis de impacto de cada acontecimento ou personalidade foram medidos através de escalas de sete pontos (1 = muito negativo; 7 = muito positivo).

Relativamente às fontes de informação, foi solicitado aos participantes para indicarem quais as suas principais fontes de informação sobre a história de Angola, seleccionando uma ou mais das seguintes opções: internet; televisão; rádio; jornais; livros de estudo; literatura; família e amigos; associações; comemorações; outras fontes. No caso de escolherem a opção “outras fontes” deveriam indicar quais.

3. Resultados

Iremos apresentar e discutir sumariamente os resultados obtidos no que respeita às representações sobre os acontecimentos e personalidades considerados mais importantes na história de Angola e as fontes de informação referidas pelos jovens. Por limitações de espaço, nas tabelas de resultados estão indicados apenas os dez acontecimentos e dez personalidades mais mencionadas pelos participantes neste estudo. De salientar ainda que na designação dos acontecimentos ou personalidades será adoptada a terminologia mais frequentemente referida pelos participantes.

3.1. Representações sobre os acontecimentos da história de Angola

A tabela 1 apresenta os dez acontecimentos da história nacional mais referidos pelos jovens estudantes angolanos. Como se pode constatar, o acontecimento histórico mais mencionado pelos jovens foi a independência de Angola (85,71%), a 11 de Novembro de 1975, sendo este acontecimento considerado muito positivo (média = 6,70). Em consonância com esta avaliação, a independência de Angola suscitou nos jovens emoções consensualmente positivas, sobretudo ‘alegria’ e ‘orgulho’ na medida em que esse acontecimento representa a maior conquista do povo angolano na

sequência da luta de libertação contra o colonialismo português. Significa, portanto, a reconquista da dignidade do povo angolano e a afirmação do país no contexto das nações.

Acontecimento	Percentagem	Impacto
Independência de Angola (11 de Novembro de 1975)	85,71%	6,70 (1,05)
Memorando de Luena / Dia da paz (4 de Abril de 2002)	70,88%	6,86 (0,45)
Luta armada de libertação nacional (1961-1975)	60,44%	5,60 (2,44)
Massacre da Baixa de Kassanje (4 de Janeiro de 1960)	42,86%	2,85 (2,14)
Morte de Jonas Savimbi (22 de Fevereiro 2002)	20,33%	4,79 (2,45)
Tentativa de golpe de estado (27 de Maio de 1977)	19,23%	2,90 (2,76)
Abolição da escravatura (10 de Dezembro de 1836)	17,03%	5,97 (1,80)
Guerra Civil (1976-2002)	10,87%	2,31 (2,48)
Tráfico de escravos (séculos XVI a XIX)	10,44%	2,06 (1,56)
Dia do Herói Nacional (17 de Setembro)	9,89%	6,14 (1,68)

Tabela 1: Acontecimentos da história de Angola
Percentagem (%) = percentagem de respondentes que mencionaram
o acontecimento;

Impacto = média de impacto atribuído ao acontecimento (desvios-padrão entre parênteses);

Escala: 1 = muito negativo; 7 = muito positivo

O segundo acontecimento mais mencionado foi o Memorando do Luena (70,88%) assinado 4 de Abril de 2002, sendo considerado o mais positivo da história nacional (média = 6,86) uma vez que assinala o fim definitivo da longa guerra civil. Este acontecimento também suscitou nos jovens emoções consensualmente positivas, sobretudo alegria e orgulho porque simboliza a reconquista da paz depois de uma guerra prolongada com efeitos nefastos para o país, sendo a paz uma das condições vitais para o desenvolvimento.

Estes dois acontecimentos que ocupam o lugar cimeiro nas respostas dos jovens (independência nacional em 1975 e a conquista da paz em 2002) são constantemente evocados pelos meios de comunicação social angolanos aquando das respectivas efemérides, assinaladas com dias de feriado nacional. O primeiro acontecimento, para

além de ser evocado pelos meios de comunicação social, ocupa lugar de destaque nos manuais escolares em todos os níveis do sistema educativo. O segundo acontecimento, que veio trazer esperanças de uma vida tranquila, ainda não está reflectido nos manuais de história por ter ocorrido recentemente. Essa inclusão depende da rapidez do processo de reforma curricular e reestruturação dos manuais escolares.

A luta armada pela libertação de Angola foi o terceiro acontecimento mais mencionado (60,44%). À semelhança do que ocorreu nos estudos realizados na Guiné-Bissau (Cabecinhas e Nhaga, 2008) e em Moçambique (Feijó e Cabecinhas, 2009), os jovens angolanos consideraram a luta armada pela libertação nacional um acontecimento positivo (média = 5,60). As emoções reportadas em relação a este acontecimento são ambivalentes, embora predominem as emoções positivas: 'orgulho' e 'alegria', porque resultou na independência nacional, mas também 'revolta' e 'tristeza', porque implicou a perda de muitas vidas.

O quarto acontecimento mais evocado pelos jovens refere-se ao massacre da Baixa de Kassanje, a 4 de Janeiro de 1960 (42,86%), ocorrido na sequência da sublevação dos camponeses daquela região que trabalhavam na produção de algodão e que eram vítimas de exploração colonial. Devido à recusa em continuarem a trabalhar para a empresa produtora de algodão, nesse dia (e subsequentes) foram mortos entre 5 a 10 mil camponeses, na sequência dos bombardeamentos com *napalm*, fuzilamentos e outros ataques do exército colonial português, como represália (CDIH, 2008: 153-156). A maior parte dos jovens consideram este acontecimento como negativo, mas alguns consideraram-no como positivo (média = 2,85). As emoções reportadas em relação a este acontecimento são mistas, variando entre 'revolta', 'tristeza' e 'alegria'. É difícil compreender por que razão este acontecimento pode suscitar alegria mas é provável que tenha a ver com o reconhecimento da capacidade de resistência e da bravura dos camponeses angolanos contra os colonialistas exploradores. A revolta e a tristeza explicam-se na medida em que se tratou de um acontecimento dramático e sangrento, que traduzia a natureza cruel do colonialismo. Sendo um episódio da resistência nacionalista contra o colonialismo, associado a outros relacionados com o início da luta armada em 1961, e porque remonta a uma era mais recuada da história contemporânea angolana é natural que tenham surgido na mente dos jovens imprecisões em relação ao ano em que este acontecimento ocorreu (1960 ou 1961).

A morte de Jonas Savimbi, líder da UNITA, ocorrida a 22 de Fevereiro de 2002, foi referida por 20,33% dos jovens, sendo considerada como um acontecimento ligeiramente positivo (média = 4,79), talvez porque, apesar de se tratar de uma morte que ocorreu um contexto violento, contribuiu para o início da ansiada paz. Este acontecimento, embora relevante para a história angolana actual, ainda não figura nos manuais escolares que se reportam a um processo de reforma curricular iniciada em 2004, com expansão gradual aos anos mais avançados do plano de estudos mas, dada a sua importância e actualidade, é abordado no contexto do ensino-aprendizagem. Por ser muito recente e ter tido um impacto significativo e visível, além de

estar directamente relacionado com o acontecimento assinalado em segundo lugar, seria de esperar que este acontecimento se encontrasse entre os mais mencionados. As emoções associadas a este acontecimento são mistas.

O 27 de Maio de 1977 foi o acontecimento referido em sexto lugar pelos jovens (19,23%; média = 2,90). As emoções reportadas em relação ao mesmo são mistas, mas predomina a 'revolta'. Foi nessa data que ocorreu em Angola uma tentativa de golpe de estado contra o regime monopartidário e autoritário do MPLA cujo fracasso levou à repressão violenta por parte do estado, da qual resultou a morte e o desaparecimento de muitos cidadãos angolanos cujos familiares ainda hoje interpelam o governo (Carreira, 1997; Francisco, 2007; Mateus e Mateus, 2007). Passadas mais de três décadas, este assunto, considerado tabu, ainda não foi abordado pelos investigadores das ciências sociais no sentido de estudar as suas causas e consequências. Por ser tabu, não consta nos manuais de história do ensino oficial e raramente é tratado nas aulas. É por essa razão que a memória colectiva sobre esse acontecimento tem sido construída através das conversas do quotidiano e de acções públicas de algumas organizações de direitos humanos, continuando a perpetuar-se o quadro de opacidade. Curiosamente, este acontecimento surge referido duas posições acima de um outro marcante na história de Angola que é a guerra civil, que terminou em 2002. Uma hipótese explicativa pode ter a ver com os efeitos sentidos por estes jovens luandenses em relação aos mesmos. Os efeitos de uma guerra de âmbito nacional são difusos e sentiam-se indirectamente em Luanda ao passo que o golpe de estado teve Luanda como palco e deixou um rasto de muitas mortes.

A abolição da escravatura foi mencionada por 17,03% dos jovens, sendo considerada um acontecimento muito positivo, enquanto o tráfico de escravos foi evocado por 10,44% tendo sido considerado muito negativo. Estes dois acontecimentos ocupam, respectivamente, o sétimo e o nono lugar no ranking das evocações dos participantes, tendo suscitado emoções diferenciadas nos inquiridos: a abolição da escravatura suscitou sobretudo 'alegria' e 'felicidade' por se referir ao fim de uma prática abjecta e condenável, enquanto o tráfico de escravos suscitou sobretudo 'revolta' e 'frustração' por aquilo que representa em termos de repulsa face a um crime contra a humanidade, praticado sob o olhar das outras nações colonizadoras e que roubou do solo pátrio muitos dos seus filhos. Note-se que a escravatura é um tema incontornável na história de África e de Angola pela duração, amplitude e efeitos nefastos produzidos nas sociedades africanas, representando também o lado mais negativo do colonialismo e factor de unidade entre os africanos.

A Guerra Civil foi mencionada por 10,87% dos participantes, sendo considerada um acontecimento muito negativo (média = 2,31). A maioria dos jovens e seus pais foram vítimas desse conflito. A Guerra Civil abrangeu um período muito longo (25 anos, incluindo a 1ª Guerra Civil 1976-1991 e a 2ª Guerra Civil ou Conflito Pós-eleitoral 1992-2002) no qual nasceram muitos destes jovens que, portanto, praticamente não conheceram outra realidade que não a da guerra. Esta Guerra Civil suscitou nos inquiridos emoções muito negativas, sobretudo 'revolta' e 'frustração' na medida

em que representou um período doloroso da história de Angola, em que ocorreram muitas mortes e a destruição de grande parte das infra-estruturas do país, tendo contribuído, portanto, para um retrocesso em termos de desenvolvimento. O mesmo tipo de emoções negativas é associado à “Guerra dos 30 anos”, mencionada por 5,98% dos participantes. A Guerra dos 30 anos inclui a 1ª guerra de libertação nacional (1961-1975 — contra o colonizador), a 2ª guerra de libertação nacional (1975-1976 — contra os invasores sul-africanos e zairenses) e a 1ª guerra civil entre o MPLA e a UNITA, que decorreu de 1976 a 1991.

O dia do herói nacional, 17 de Setembro, correspondente ao aniversário natalício de Agostinho Neto (1922-1979) que foi o líder do MPLA e o primeiro presidente da república de Angola, tendo proclamado a sua independência. Este é o décimo acontecimento mais referido pelos jovens (9,89%; média = 6,14) e que suscitou nos inquiridos sobretudo alegria. Tal emoção pode dever-se à construção social desta personagem como herói nacional, no sentido de representar o orgulho nacional, o patriotismo e o símbolo maior da independência nacional conquistada, sendo em torno da sua figura que se tem procurado fomentar o sentimento patriótico nas novas gerações.

Fora do *top 10*, mas ainda evocados por percentagens significativas de jovens, estão acontecimentos ligados à presença portuguesa em Angola. A “colonização de Angola” foi mencionada por 7,14% dos jovens, sendo considerada como um acontecimento negativo enquanto que a “chegada dos portugueses” (em 1482) foi mencionada por 6,04% dos jovens, sendo considerada um acontecimento neutro. Em ambos os casos, os jovens reportaram emoções ambivalentes: os que se referiram à “colonização portuguesa” ou à “ocupação portuguesa” reportaram sobretudo emoções negativas uma vez que o período colonial representou sofrimento para os angolanos e negação da sua cultura enquanto que os que referiram a “chegada dos portugueses” reportaram, sobretudo, emoções positivas. Estes resultados vão ao encontro dos obtidos junto em outras ex-colónias portuguesas, sendo que a avaliação da “colonização” é sempre negativa enquanto a da “chegada” ou “descoberta” (conforme as designações adoptadas pelos participantes) é considerada neutra ou positiva (Cf. Cabecinhas e Évora, 2008; Cabecinhas e Feijó, 2010).

Alguns acontecimentos com conotação muito negativa ligados à ocupação do território foram mencionados por poucos participantes: as guerras do *kwata-kwata*, no século XVI (4,40%), que ocorreram entre reinos angolanos com o intuito de capturar escravos para alimentar o negócio escravista (Zau, 2009); o regime de trabalho forçado ou “contrato” (1,1%), que substituiu o regime de escravatura (Zau, 2009).

3.2. Personalidades da história de Angola

A tabela 2 apresenta as dez personalidades da história de Angola mais referidas pelos jovens inquiridos. Agostinho Neto (1922-1979) foi mencionado pela larga maioria dos respondentes (86,81%) e a sua acção foi considerada como muito positiva (média = 6,44), suscitando emoções positivas nos inquiridos (admiração, simpatia e orgulho).

Personalidade	Percentagem	Impacto
Agostinho Neto	86,81%	6,44 (1,62)
Jonas Savimbi	78,02%	3,63 (2,56)
Njinga Mbandi	40,11%	6,73 (0,92)
Mandume	29,67%	6,64 (0,67)
Holden Roberto	27,47%	5,71 (1,44)
José Eduardo dos Santos	18,68%	4,44 (2,02)
Nito Alves	13,74%	6,25 (1,34)
Deolinda Rodrigues	13,19%	6,42 (1,02)
MFulumpinga N'Landu Victor	9,34%	6,73 (0,57)
Mário Pinto de Andrade	6,04%	6,67 (0,63)

Tabela 2: Personalidades da história de Angola

Percentagem (%) = percentagem de respondentes que mencionaram a personalidade
 Impacto = média de impacto atribuído à personalidade (desvios-padrão entre parênteses);
 Escala: 1 = muito negativo; 7 = muito positivo

Agostinho Neto é muito popularizado pela divulgação da sua poesia e exaltado todos os anos por ocasião do seu aniversário natalício. Tal está em consonância com a exaltação desta personalidade histórica efectuada através de palestras, actividades culturais, concursos literários nas escolas, nas associações de escritores, nos bairros e outras instituições. Outro facto relacionado prende-se com a aprovação de um dispositivo legal em que os aniversários das exéquias são considerados feriado nacional. As ciências sociais continuam a apresentar um défice de investigação sobre as principais figuras da história de Angola. Agostinho Neto é mais conhecido pela sua obra poética (*Sagrada Esperança e Renúncia Impossível*)² do que pelo seu protagonismo enquanto chefe de Estado (1975-1979). Mesmo assim, os exemplares da sua obra poética não têm sido regularmente reeditados para não se falar das suas intervenções políticas cujas publicações escasseiam e não chegam aos jovens que estão no ensino secundário.

Jonas Savimbi (1924-2002) foi a segunda personalidade mais invocada (78,02%), sendo o seu impacto na história de Angola considerado negativo pela maior parte dos participantes (média = 3,63). Tal poderá dever-se à sua recusa dos resultados eleitorais de 1992 e à não aplicação dos resultados dos diferentes acordos de paz para

² Algumas iniciativas editoriais sobre a figura de Agostinho Neto como *Agostinho Neto: o pensador e o poeta: Colóquio Internacional*, Roma, Universidade de Roma/Embaixada de Angola; MPLA (1996) *A Voz Igual: Ensaio sobre Agostinho Neto*, Luanda: MPLA; Barradas, Acácio (editor) (2005) *Agostinho Neto: Uma vida sem tréguas 1922-1979*, Lisboa/Luanda, S/Ed.

Angola: Bicesse (1991), Luanda (1994) e os respectivos memorandos do Namibe, Addis-Abeba e Abidjan. Em consequência, voltou às armas e reiniciou a guerra (Valentim, 2010). As emoções sobre Jonas Savimbi são mistas, tanto positivas como negativas, sendo que, por vezes, um mesmo participante indicou emoções opostas, o que denota uma ambivalência em relação a esta personalidade (desde raiva e repulsa até admiração e orgulho). A raiva e repulsa compreendem-se pelo facto de esta personalidade ter protagonizado uma guerra sangrenta e destrutiva na tentativa de tomar o poder político e admiração e orgulho porque foi um nacionalista que lutou pela libertação de Angola do jugo colonial.

A Rainha Njinga Mbandi foi referida por 40,11% dos participantes, sendo o seu impacto considerado muito positivo (média = 6,73). Em consonância, as emoções reportadas em relação a esta personalidade foram muito positivas, maioritariamente orgulho e simpatia. Alguma literatura produzida sobre a figura de Njinga Mbandi (ver, por exemplo: Pacavira, 1988; Parreira, 1990, 2004) é pouco divulgada entre os jovens. No entanto, esta figura tem sido revitalizada nos últimos anos. Njinga Mbandi simboliza a resistência nacional contra o colonialismo português, tendo comandado exércitos para expulsar as tropas portuguesas no século XVII.

Mandume foi mencionado em quarto lugar (29,67%), sendo o seu impacto considerado muito positivo (média = 6,64). Em consonância, as emoções reportadas em relação a esta personalidade foram muito positivas, maioritariamente *admiração e simpatia* pois Mandume foi um soba *kuanhama* que, após ter reunido vários exércitos e tendo-se aliado aos alemães de quem recebeu armas, se rebelou contra a presença portuguesa e opôs-se à penetração portuguesa no sul de Angola (Cunene), no primeiro quartel do século XX. Representa, portanto, um símbolo da resistência angolana contra o colonialismo (Guebe, 2008; Péliissier, 1997).

Holden Roberto (1923-2007) foi mencionado em quinto lugar (27,47%), sendo o seu impacto também considerado muito positivo (média = 5,71). Holden Roberto foi o líder da FNLA, um movimento de libertação que combateu o colonialismo português no norte de Angola e disputou a independência de Angola com o MPLA e a UNITA. As emoções reportadas em relação a esta personalidade foram positivas, maioritariamente ‘simpatia’ e ‘admiração’ na medida em que o seu nome está associado à luta contra o colonialismo (Ganga, 2009).

José Eduardo dos Santos, Presidente de Angola há 31 anos, foi mencionado por 18,68% dos participantes, sendo o seu impacto considerado positivo por uns e negativo por outros, de que resultou uma média de impacto ligeiramente positiva (média = 4,44). As emoções reportadas sobre José Eduardo dos Santos foram mistas, embora se tenha verificado um predomínio das positivas (maioritariamente ‘simpatia’ e ‘orgulho’, mas também, em menor escala, ‘raiva’ e ‘repulsa’ pois a sua governação também é associada à corrupção).

Nito Alves foi mencionado por 13,19% dos participantes, sendo o seu impacto considerado muito positivo (média = 6,25). As emoções reportadas em relação a esta

personalidade foram positivas ('simpatia' e 'admiração'). Nito Alves era militante do MPLA e, em 1977, liderou uma tentativa de golpe de estado contra o regime e o presidente Agostinho Neto. Esse golpe fracassou e ele foi morto, bem como muitos dos seus seguidores mas também membros do governo (Carreira, 1997; Francisco, 2007; Mateus e Mateus, 2007).

Deolinda Rodrigues foi mencionada por 13,19% dos participantes, sendo o seu impacto considerando muito positivo (média = 6,42). As emoções reportadas em relação a esta personalidade foram positivas (simpatia e admiração). Deolinda Rodrigues foi guerrilheira do MPLA e participou directamente na luta armada, tendo sido morta numa patrulha, juntamente com outras mulheres guerrilheiras. Representa a participação feminina na luta de libertação nacional e é hoje considerada uma heroína nacional e símbolo da organização da mulher angolana (Rodrigues, 2010).

MFulumpinga N'Landu Victor foi mencionado por 9,34% dos participantes, sendo o seu impacto considerado muito positivo (média = 6,73). As emoções reportadas em relação a esta personalidade foram positivas ('admiração' e 'simpatia'). Esta personalidade, para além de ser engenheiro e docente da Universidade, era dirigente de um partido da oposição e membro do Conselho da Revolução, tendo sido assassinado em 2004, sem que até hoje, e apesar da investigação criminal efectuada, se saiba por quem e por que razão (Imprensa angolana).

Mário Pinto de Andrade (1928-1990) foi mencionado por 6,04% dos participantes, sendo o seu impacto considerado muito positivo (média = 6,67). As emoções reportadas em relação a esta personalidade foram positivas (admiração e simpatia). Mário Pinto de Andrade foi um intelectual, ensaísta, nacionalista e dirigente histórico do MPLA, tendo lutado pela independência de Angola (Rocha, 2002: CIDH).

Como podemos constatar na tabela 2, as personalidades históricas mais referidas pelos jovens fazem parte de um passado muito recente ou da actualidade, sendo as personalidades que integram fases mais remotas da história quase esquecidas. A única personalidade anterior ao século XX que consta no *top 10* é a Rainha Njinga Mbandi, dos reinos do Ndongo e Matamba. Foi heroína da resistência angolana contra a ocupação portuguesa no século XVII⁵ e forte opositora ao tráfico de escravos. Assim, verifica-se um total apagamento, na memória colectiva, da história anterior à presença portuguesa no território angolano.

Deve-se referir que a maior parte das personalidades do *top 10* são pessoas ligadas à vida política angolana, com destaque para os heróis da resistência contra a ocupação portuguesa. Os nomes ausentes dos manuais escolares e que não fazem parte da vida política recente foram, na generalidade, esquecidos pelos jovens, aliás, mui-

⁵ Recentemente realizou-se em Roma, Maio de 2010, o primeiro Colóquio Internacional sobre esta personalidade histórica *Njinga Mbandi: Heróica Rainha da Resistência Angolana*. Esta iniciativa, segundo os participantes no evento auscultados pelo *Jornal de Angola* "traduziu-se num inestimável contributo para o estudo aprofundado da História de Angola, enquanto processo imprescindível no resgate da identidade cultural angolana e o consequente reforço da unidade nacional, vistos como a chave mestra para o seu desenvolvimento, depois de ultrajada e distorcida ao longo de séculos" (consultado em *Angola Dicas*, http://www.angoladicas.com/news_detail.asp?ID=721&lang-pt).

tos deles, que tiveram grande influência na luta pela independência nacional e nos primeiros anos da revolução angolana nem sequer chegaram ao conhecimento destes jovens, o que se justifica pelo facto de não existir um processo sistemático de informação por via da literatura, da comunicação social ou do ensino-aprendizagem. Os políticos contemporâneos obtiveram destaque em detrimento de figuras da música, da literatura, da economia, do desporto, com protagonismo na trajectória do país.

Alguns exemplos elucidam bem a falta de destaque dada a figuras da música e da literatura. Rui Mingas, figura de referência da música angolana foi mencionado apenas por três jovens (1,65%) e Manuel Rui Monteiro, escritor e autor do hino nacional (*Angola avante*) não foi referido por qualquer jovem. Escritores com uma produção literária significativa e com prestígio nacional e internacionalmente reconhecidos como Wanhenga Xito, Pepetela, Luandino Vieira, Ruy Duarte de Carvalho, também não foram mencionados por qualquer dos participantes neste estudo.

3.3. Fontes de informação sobre a história de Angola

Como foi referido na metodologia, os participantes neste estudo foram solicitados a indicar quais as suas principais fontes de informações sobre a história de Angola, seleccionando uma ou mais de entre as seguintes opções: internet; televisão; rádio; jornais; livros de estudo; literatura; família e amigos; associações; comemorações; outras fontes. No caso de escolherem a opção “outras fontes” deveriam indicar quais.

A tabela 3 apresenta as percentagens relativas às fontes de informação a que os jovens fizeram referência. Como se pode constatar, os livros de estudo foram considerados pelos jovens a sua principal fonte de informação sobre a história do país. Se

Fontes de informação	Percentagem
Livros de estudo	45,6%
Família e amigos	41,8%
Televisão	40,1%
Rádio	40,1%
Jornais	37,9%
Literatura	28,0%
Comemorações	22,0%
Internet	19,8%
Associações	10,4%
Tradição oral	4,9%
Professores	4,4%
Outras fontes	5,2%

Tabela 3: Principais fontes de informação sobre a história de Angola

a isto juntarmos os “professores” que, embora não constando na lista de fontes colocada para escolha no questionário, foram mencionados espontaneamente por 4,4% dos inquiridos, verifica-se que o sistema educativo surge claramente como a fonte de informação considerada mais importante pelos jovens sobre a história de Angola, daí a grande premência de investir em bons manuais escolares e na formação dos professores nesta área.

A “família e amigos” (41,8%) surgem em segundo lugar como fontes de informação, o que remete para a grande importância da comunicação interpessoal quotidiana na formação das memórias colectivas. Os relatos dos pais, avós, e outros familiares que viveram em primeira mão acontecimentos-chave da história do país constituem uma fonte de informação vivencial, entrando por vezes em contradição com a informação veiculada no sistema de ensino e nos meios de comunicação social, o que gera ambivalências emocionais em relação a determinados acontecimentos, como foi referido por alguns jovens em entrevistas exploratórias. O facto de os familiares mais velhos terem testemunhado ou vivenciado algum acontecimento, leva-os a atribuir sentido a partir de uma dada perspectiva influenciada por valores ou interesses políticos ou culturais. De salientar que a “tradição oral”, embora não constando na lista de fontes colocada para escolha no questionário, foi mencionada espontaneamente por 4,9% dos inquiridos, o que reforça a importância dos processos de comunicação interpessoal na construção das representações da história.

A rádio e a televisão surgem *ex aequo* com 40,1%, seguidos dos jornais (37,9%) e a literatura (28%). A internet é pouco referida como fonte de informação sobre a história de Angola, talvez porque o seu acesso regular ainda é uma miragem para a maior parte dos inquiridos.

As comemorações são referidas por 22% dos jovens. A importância das comemorações na memória colectiva é discutida por diversos autores (e.g. Connerton, 1989/1993; Cunha, 2006).

De entre as “outras fontes” espontaneamente referidas pelos participantes, destacam-se, como já referimos, a “tradição oral” (4,9%) e os professores (4,4%), que, pela sua expressão, foram colocadas na tabela 3. Outras fontes foram referidas muito esporadicamente, como a igreja, o cinema, o teatro, os museus e os debates.

4. Considerações finais

Neste artigo analisámos as percepções de uma amostra de jovens angolanos em Luanda sobre os acontecimentos e as personalidades consideradas mais importantes na história de Angola e as suas fontes de informação sobre a história do país. De um modo geral, os acontecimentos mais evocados pelos jovens foram os que constam nos manuais escolares e/ou enfatizados pelos meios de comunicação social aquando da exaltação das efemérides transformadas em feriados nacionais. Por exemplo, os acontecimentos que são assinalados com feriados nacionais e cujas efe-

mérdes são acompanhadas pelos órgãos de comunicação social, como o 4 de Janeiro (a sublevação da Baixa de Kassanje), o 4 de Fevereiro (início da luta armada de libertação nacional que culminou com o 11 de Novembro) estão entre os mais mencionados pelos jovens. Os resultados evidenciam que os acontecimentos que estão mais ausentes dos manuais escolares do ensino secundário são os menos referidos pelos jovens, com a excepção dos acontecimentos muito recentes sobre os quais os jovens dispõem de informação vivencial em primeira mão. O Memorando do Luena e a morte do líder da UNITA, Jonas Savimbi (acontecimentos que ainda não figuram nos manuais de História de Angola), estão mais próximos da juventude do que qualquer outro, uma vez que foram acontecimentos ocorridos, recentemente, constituindo uma memória vivida em primeira mão. Os dez anos de conflito após as eleições de 1992 foram marcantes para a memória colectiva dos angolanos pelo impacto que tiveram na vida das pessoas, obrigando-as a deslocações forçadas em busca de segurança, impondo restrições à circulação devido à destruição das vias terrestres, impedindo a tomada de opções pessoais dada a incerteza do futuro, condicionando o futuro dos jovens (Zau, 2009).

No que respeita às personalidades nacionais, a maior parte das personalidades evocadas pelos jovens são pessoas ligadas à vida política angolana, com destaque para os heróis da resistência contra a ocupação portuguesa. Os nomes ausentes dos manuais escolares e que não fazem parte da vida política recente foram, na generalidade, esquecidos pelos jovens. Os políticos contemporâneos obtiveram destaque em detrimento de figuras da música, da literatura, da economia, do desporto, com protagonismo na trajectória do país.

De qualquer modo, a realização deste estudo exploratório sobre as representações da história de Angola e a sua relação com a identidade ilustra bem a necessidade de se trabalhar com maior seriedade as questões dos conteúdos dos manuais escolares, do teor das actividades extra-escolares, da natureza das acções do associativismo juvenil e da investigação científica sobre os factos históricos para que os jovens em formação tenham acesso a informação de qualidade sobre a realidade e a história do país.

Os novos programas de história aplicados no ensino secundário à luz da reforma educativa ficaram distorcidos não levando em linha de conta a articulação vertical dos conteúdos. Por essa razão, acontecimentos e figuras da história de Angola nos diferentes períodos do seu percurso foram omitidos. Os planificadores dos programas e conteúdos de história negligenciaram a produção historiográfica feita em Angola nas últimas duas décadas. Estas acções não foram acompanhadas com políticas culturais consistentes em que a literatura (poesia, romance e ensaio) fosse acessível devido à alta dos preços e a falta de bibliotecas nas escolas do ensino secundário. Estes factores levaram os jovens a não criarem hábitos de leitura.

No que concerne às fontes de informação sobre a história de Angola, o sistema educativo surge claramente como a fonte de informação considerada mais importante pelos jovens (nomeadamente os livros de estudo). A comunicação interpessoal quotidiana (relatos dos familiares e amigos, etc.) afigura-se também de grande

importância na formação das memórias colectivas. As fontes de informação vivencial, por vezes, entram em contradição com a informação veiculada no sistema de ensino e nos meios de comunicação social, o que gera ambivalências emocionais nos jovens.

Os jovens recorrem, algumas vezes, à imprensa diária e semanal, à rádio e à televisão. Mesmo nessa área, o número de exemplares da imprensa que circulam em Luanda é exígua, a preços altos. Para as televisões o acesso é limitado pelas dificuldades das famílias no acesso à electricidade. Apesar dessas limitações, os meios de comunicação social, nomeadamente, a rádio, a televisão e os jornais foram também bastante mencionados pelos jovens, sendo a internet pouco referida comparativamente com os outros suportes. Tal poderá dever-se ao facto de o acesso diário aos meios digitais ainda estar reservado a uma elite. No entanto, esta realidade está em rápida mutação e é bastante provável que os meios digitais venham a assumir um papel cada vez mais preponderante, não só como meio de informação sobre a história e cultura de Angola, mas também enquanto meio de discussão de assuntos que não encontram eco em outros suportes.

Bibliografia

- AAVV (2002) *Agostinho Neto: o Pensador e o Poeta: Colóquio Internacional*, Roma: Universidade de Roma / Embaixada de Angola.
- Andrade, H. P. (2010) *Mário Pinto de Andrade. Um olhar íntimo*, Luanda: Xá de Caxinde.
- Baptista, M. M. (Ed.) (2009) *Cultura: Metodologias e Investigação*, Lisboa: Ver o Verso Edições.
- Barradas, A. (Ed.) (2005) *Agostinho Neto: Uma vida sem tréguas 1922-1979*, Lisboa/Luanda: s/ed.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994) *Investigação qualitativa em Educação. Uma introdução à Teoria e aos métodos*, Porto: Porto Editora.
- Cabecinhas R. & Évora, S. L. (2008) 'Visões do mundo e da nação: jovens cabo-verdianos face à história' in M. Martins & M. Pinto (Org.). *Comunicação e cidadania. Actas do 5º congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, pp. 2685-2706. <http://hdl.handle.net/1822/9222>
- Cabecinhas, R. & Feijó, J. (2010) 'Collective Memories of Portuguese Colonial Action in Africa: Representations of the Colonial Past among Mozambicans and Portuguese Youths', *International Journal of Conflict and Violence*, 4 (1), pp. 28-44. <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0070-ijcv-2010111>
- Cabecinhas, R. & Nhaga, N. (2008) 'Memórias coloniais e diálogos pós-coloniais: Guiné-Bissau e Portugal' in R. Cabecinhas, & L. Cunha (Eds.) *Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios*, Porto: Campo das letras, pp. 109-132. <http://hdl.handle.net/1822/9320>
- Cabecinhas, R., Lima, M. & Chaves, A. (2006) 'Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história' in J. Miranda & M. I. João (Eds.), *Identidades Nacionais em Debate*, Oeiras: Celta, pp. 67-92 [<http://hdl.handle.net/1822/6165>]
- Carreira, I. (1997) *O Pensamento Estratégico de Agostinho Neto*, Lisboa: Dom Quixote.
- Centro de Documentação e Investigação Histórica do Comité Central do MPLA (2008), *História do MPLA* (Volumes I e II), Luanda: CDIH.
- Coelho, V. (2010) *Em Busca de Kábàsa!. Estudos e Reflexões sobre o Reino do Ndongo. Contribuições para a História de Angola*, Luanda: Kilombelombe.
- Connerton, P. (1989/1993) *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras: Celta.
- Cosme, L. (2004) *Agostinho Neto e o seu Tempo*, Lisboa: Campo de Letras.

- Cunha, L. (2006) *Memória Social em Campo Maior: Usos e Percursos da Fronteira*, Lisboa: Dom Quixote.
- Doise, W. (1982) *L'Explication en Psychologie Sociale*, Paris: Presses Universitaires de France.
- Feijó, J. & Cabecinhas, R. (2009) 'Representações da história de Moçambique por parte de estudantes universitários de Maputo' in Martins, M. & Cabecinhas, R., *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, Braga: Universidade do Minho/Grácio Editor, pp. 37-52.
- Francisco, M. (2007) *Nuven Negra o Drama do 27 de Maio de 1977*, Lisboa: Clássica Editora.
- Ganga, J. P. (2009) *O Pai do Nacionalismo Angolano: Memórias de Holden Roberto*, Luanda: Edição do Autor.
- Guebe, A. (2008) *Resistência à Ocupação Colonial do Sul de Angola - Região dos Va-Nyaneka-va-Nkumbi e dos Va-Ambo (1850-1917)*, Luanda: Arte Viva.
- Halbwachs, M. (1950/1997) *La mémoire collective*, Paris: Albin Michel.
- László, J. (2003) 'History, identity and narratives' in J. László & W. Wagner (Eds.), *Theories and controversies in societal psychology*, Budapest: New Mandate Publisher, pp. 180-192.
- Lessard-Hébert, M., Goyete, G. & Boutin, G. (1994) *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Licata, L., Klein, O. & Gély, R. (2007) 'Mémoire des conflits, conflits de mémoires: Une approche psychosociale et philosophique du rôle de la mémoire collective dans les processus de réconciliation intergroupe', *Social Science Information*, 46(4), pp. 563-589.
- Liu, J. H. & Hilton, D. (2005) 'How the past weighs on the present: Towards a social psychology of histories', *British Journal of Social Psychology*, 44, pp. 537-556.
- Lorenzi-Cioldi, F. (2002) *Les Représentations des Groupes Dominants et Dominés. Collections et Agrégats*, Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Mateus, D. C. & Mateus, Á. (2007) *Purga em Angola: O 27 de Maio de 1977*, Porto: ASA.
- Mendes, J. (2008) *A África nos programas de História do ensino médio*, Dissertação de Mestrado. Luanda: Universidade Agostinho Neto.
- Moscovici, S. (1998) 'The history and actuality of social representations' in U. Flick (Ed.), *The Psychology of the social*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 209-247.
- MPLA (1996) *A Voz Igual, Ensaios sobre Agostinho Neto*, MPLA: Luanda.
- Neto, I. A. (1998) *Angola à Flôr da Pele*, Luanda: INALD.
- Ntongo, Z. & Fernandes, J. (2004) *Angola. Povos e Línguas*, Luanda: Nzila.
- Pacavira, M. P. (1998) *Jinga Mbandi*, Luanda: União dos Escritores Angolanos.
- Parreira, A. (1990) *Economia e Sociedade em Angola na Época da Rainha Jinga: Século XVII*, Lisboa: Estampa.
- Parreira, A. (2004) *Dicionário das Biografias Angolanas*, Luanda: Kulonga.
- Pélissier, R. (1997) *História das Campanhas de Angola: Resistências e Revoltas 1845-1941*, Lisboa: Estampa.
- Rocha, E. (2002) *Angola: Contribuição ao Estudo do Nacionalismo Moderno Angolano, (Período 1950-1964) testemunho e estudo documental*, Luanda: Kilombelombe.
- Rodrigues, L. J. (2010) *Heróinas de Angola*, Luanda: Mayamba.
- Sobral, J. M. (2006) 'Memória e identidade nacional: considerações de carácter geral e o caso português' in Silva, M. C. (Org.), *Nação e Estado: Entre o Global e o Local*, Porto: Afrontamento, pp. 27-49.
- Tajfel, H. (1981/1983) *Grupos Humanos e Categorias Sociais* (Volumes I e II), Lisboa: Livros Horizonte.
- Valentim, J. (2010) *Caminhos para Paz e Reconciliação Nacional. De Gbagdolite a Bicesse (1989-1992)*, Luanda: Mayamba.
- Zau, F. (2009) *Educação em Angola. Novos Trilhos para o Desenvolvimento*, Lisboa: Movilivros.